

## PEQUENAS MEMÓRIAS E O TRABALHO DO TRAUMA

*Sonia Maia\**

*Jô Gondar\*\**

### **RESUMO:**

O artigo, dentro do referencial psicanalítico, procura articular o termo pequenas memórias com a categoria do trauma, do fragmentário e com a memória fora do universo das representações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Trauma. Fragmento. Representação.

Pretendo trazer neste artigo questões em torno do que chamo de ‘pequenas memórias’ privilegiando, dentro da psicanálise, a categoria do fragmentário e a memória fora das representações. Esta ideia partiu da afinidade pela temática presente no universo do sensível, de inquietações que envolvem o lembrar e o esquecer e da constatação de acontecimentos na prática da clínica psicanalítica contemporânea que entendemos escapar das abordagens sobre memória calcadas na categoria do representacional.

As questões relativas ao trauma se ligam a este tema e foram amplamente desenvolvidas por Sandór Ferenczi (1873-1933), autor que privilegio em meu trabalho. O intuito é buscar em alguns autores tomados como intercessores elementos que permitam avançar em pontos tocados pela teoria do trauma ferencziana.

Walter Benjamin (1892-1940), filósofo crítico e importante pensador da cultura, ganhou então destaque principalmente no que toca seu posicionamento frente às catástrofes e aos restos e fragmentos por ela deixados. Ele traz em sua crítica à modernidade grandes semelhanças entre o que Ferenczi propõe na psicanálise..

O termo pequenas memórias pode ser pensado como uma espécie de ‘operador’ que, ligando diferentes campos numa série de pontos comuns, procura ampliar nossa visão acerca da frequente naturalização feita quando nos referimos a traumas e catástrofes, seja a nível individual ou coletivo, que são normalmente tidos como sinais apenas de destruição. Entendemos que esse ‘operador’ permite ampliar significativamente nossa perspectiva acerca dos processos do lembrar e do esquecer, componentes da memória, além de contribuir para reflexões acerca da clínica psicanalítica contemporânea, especialmente quando pensada fora do registro da memória representacional.

As pequenas memórias fogem de quaisquer avaliações quantitativas, sendo o termo ‘pequenas’ melhor usado no sentido de sua forma e funcionamento do que no de tamanho. Colocam-se em nosso aparelho psíquico como *impressões sensíveis*, que são os signos de percepção da Carta 52 (1896) freudiana.

Nessa carta Freud apresenta a ideia de uma memória muito seletiva e marcada por arranjos e retranscrições dos traços de que é composta. O aparelho mnêmico é mostrado como tendo uma entrada pelas percepções (W – *Walhrnehmungen*) e uma saída pela consciência (*Bewusstein*); entre esses pontos estariam localizados basicamente três tipos de registros que levariam em conta os neurônios que são seu veículo. W, o polo das percepções, nada conserva do que acontece e liga-se à

consciência – o que implica em dizer que memória e consciência são excludentes. O primeiro dos três registros é o das *indicações de percepção* (os signos de percepção); simbolizados pela sigla Ws (*Wahrnehmungszeichen*), o conteúdo desse registro é tomado como praticamente incapaz de chegar à consciência, dispendo-se conforme associações de simultaneidade. O segundo registro, Ub (*Unbewusstsein*), é o inconsciente, dispendo-se talvez por relações causais e não tendo também acesso à consciência. O terceiro registro, Vb (*Vorbewusstsein*), é nossa pré-consciência, ligando-se às representações verbais.

Entendemos que a memória sobre a qual Freud edificou a psicanálise é aquela colocada no segundo registro, o do inconsciente. Nesse registro as impressões são inscritas como *traços* – os traços de memória. Em 1900 na *Interpretação dos sonhos*, encontramos a descrição do aparelho psíquico diferente daquela da *Carta 52* (1896); Freud também escreve em 1900 o caminho dos processos psíquicos como partindo da extremidade sensória (perceptual) do aparelho e indo até a extremidade motora, tal como em 1896; porém neste caminho não mais encontramos os signos de percepção.

O importante é notarmos que para os fins deste trabalho o que interessa não é a memória formada por traços descrita por Freud em 1900, mas sim aquela de 1896 da *Carta 52* que traz os signos de percepção. Eles são para nós ‘pequenas memórias’.

As pequenas memórias são impressões que não são inscritas no aparelho de memória como um sistema de signos, não se encontrando gravadas na memória inconsciente descrita por Freud em 1900 nem no pré-consciente; são somente impressões, *impressões sensíveis*.

Para pensar essa qualidade das pequenas memórias, isto é, serem impressões sensíveis, abordamos o campo das pequenas percepções de Leibniz (1646-1716). José Gil (1939- ), filósofo contemporâneo, toma as pequenas percepções leibnizianas em sua produção teórica. Vejamos.

Nos *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1701/1704) Leibniz reflete acerca de existir em nós a todo momento muitas percepções sem apercepção ou reflexão; fala de ‘mudanças na alma’, as quais não nos damos conta e traz o exemplo do bramido do mar para falar das pequenas percepções. Para ouvirmos o bramido precisamos ouvir as partes que o compõem, isto é, cada pequeno ruído de onda nele contido. Afirma que somos afetados pelo movimento de cada minúscula onda existente no bramido e que se assim não fosse, não poderíamos ouvir o todo. Cada pequeno ruído seria uma pequena percepção.

José Gil (1936- ), filósofo português que trouxemos, nos aproxima da leitura de fenômenos relacionados a limiares onde essas percepções infinitesimais entram em jogo. No prefácio de seu livro *A imagem-nua e as pequenas percepções* (1996) encontramos um desenvolvimento acerca do tema.

Gil nos coloca frente à reflexão sobre domínios onde o estudo das pequenas percepções se faz imprescindível. Fala de fenômenos não conscientes que trata como sendo de *osmose*, fazerem parte principalmente das ciências humanas tal como a psicanálise, psiquiatria, antropologia ou sociologia; nestas disciplinas aquelas percepções estariam presentes. Assim, a situação da transferência psicanalítica por exemplo, é vista como revelando estados psíquicos ‘crepusculares’, ‘simbióticos’ ou simplesmente indefinidos onde as pequenas percepções estariam em jogo; Gil também aponta as relações de influência, que vão desde a publicidade até as relações políticas, ou ao mais sutil contato entre dois seres, que gerariam essas ‘forças não-conscientes’, perceptíveis somente em seus efeitos.

Emparelhamos nossas pequenas memórias com essas pequenas percepções; acreditamos que esses fenômenos descritos por Gil como de *osmose* descrevem ‘fatos’ relacionados a limiares de campos bem definidos, embora eles mesmos não tenham definição. São fenômenos fronteiraços no que se refere ao inconsciente e a consciência, não possuindo campo operacional próprio. Para nós este é o ‘campo’ dos signos de percepção, ao qual aproximamos as pequenas memórias.

Avançando um pouco mais, Gil nos convoca a refletir sobre a possibilidade de existir um tipo de ‘quase-linguagem’ na constituição destes fenômenos; seria uma linguagem não-verbal que visa constituir *atmosferas*, captando e lançando forças e energias. Estas atmosferas, feitas de pequenas percepções, formam o que Leibniz descreve como ‘imagens das qualidades dos sentidos’, impressões que os corpos realizam ligando-nos ao universo; são as impressões sensíveis que falamos acima.

Um ‘olhar’ é uma entrada nesse campo das pequenas percepções; podemos pensar numa poeira de ínfimos movimentos, imprecisa, trazendo somente ‘anúncios’, pré-sentidos – uma espécie de coreografia de forças com atrações e repulsões que faz emergir contornos, formas vazias, de onde podem (ou não) emergir significados. Marcamos aqui a existência de possibilidades criativas as quais apontaremos adiante nas relações que vemos entre o trauma, a categoria do fragmentário e a criação.

As pequenas percepções trazem em si movimentos que podem também desembocar em macrop percepções, estas que, ainda como ‘formas’ invisíveis, são

potentes. São o que trouxemos como pequenas memórias, ‘formas de força’ sutis e sensíveis que revelam o que percebemos ‘sem perceber’.

Por fim, gostaríamos de marcar que ao falarmos em pequenas memórias, falamos de movimentos invisíveis em sua maioria que carregam consigo fios condutores de criatividade. Destacamos também que estas memórias se colocam no interior do aparelho psíquico como impressões sensíveis, sem estarem inscritas na forma de traços de memória, estes que são a memória descrita e trabalhada por Freud ao fundar a psicanálise, a memória representacional. As pequenas memórias descrevem ‘fenômenos’ cujo escopo se põe fora das representações – podemos dizer que são da ordem das ‘aparições’, remetendo-nos a todo um novo e desafiador universo dentro da técnica e teoria psicanalítica.

Não queremos dizer com isso que Freud não tenha se aproximado disto! Sabemos que toda a problemática levantada em 1920 com a dualidade pulsional e a dinâmica prazer/desprazer o inquietou, mas também lembramos que a categoria das representações foi privilegiada. Nossa proposta aqui é refletir sobre o que esta *fora* daquela categoria, isto é, da memória que não foi inscrita no sistema inconsciente stricto sensu, tendo a qualidade de uma impressão sensível como já dissemos, e que denominamos de ‘pequena memória’.

Na obra de Sandór Ferenczi encontramos solo para pensar as pequenas memórias. O autor coloca seu posicionamento frente ao traumático em inúmeros casos clínicos que descreve onde privilegia a fragmentação psíquica e propõe inovações técnicas cuja apropriação parece profícua principalmente quando pensamos em quadros clínicos que se encontram à margem das categorizações costumeiras da neurose e da psicose.

Walter Benjamin, autor da filosofia que buscamos como principal intercessor, traz em sua obra conceitos que permitem boas articulações acerca da proposta ferencziana especialmente em sua leitura acerca das catástrofes e do despedaçamento que podem deixar. Procuraremos colocar resumidamente o que encontramos em comum entre Benjamin e Ferenczi para apontarmos o que pretendemos desenvolver acerca do *fragmentário*.

Abordar a obra de Ferenczi não é tarefa fácil pelo seu caráter denso e fragmentário concomitante. Sua obra é instigante e grande parte apresentada em pequenos capítulos, às vezes até de um só parágrafo, porém nunca deixando de marcar pequenos fatos clínicos que quando observados de perto se mostram pertinentes.

A sua produção se inicia logo após seu contato com Freud em 1908 e segue até 1933 com sua prematura morte. Teve com Freud intensa correspondência além de um curto e também intenso período de análise. Podemos encontrar em seu *Diário Clínico* um testemunho disto.

No *Diário*, onde nos aproximamos bastante da ‘forma’ de conduzir a clínica de Ferenczi, temos o relato de diversos casos clínicos de onde ele extrai conclusões que foram em sua maior parte elaboradas em outros textos de sua autoria.

Estudioso das questões que envolvem o trauma, Ferenczi reconhece não haver casos ‘intratáveis’; há sim analistas pouco ou nada criativos, que diz provavelmente não terem levado a termo sua própria análise e ainda, que não tomam para si a responsabilidade inerente aos processos de tratamento que se mostrem menos fáceis ou corriqueiros. Este ponto de vista o colocou num lugar de distanciamento em relação a muitos analistas.

Sabemos que Ferenczi privilegiou em seu trabalho o estágio auto-erótico do desenvolvimento psicosexual da psicanálise. Este estágio, que antecede ao narcísico, é marcado por uma parcialidade pulsional onde entendemos funcionar um regime de dispersão de intensidades, num ‘jogo de forças’, tal como descrevemos o movimento das pequenas percepções de Leibniz quando falamos das pequenas memórias. O fragmentário e o sutil também aqui se encontram.

Enfatizamos que no fragmentário vemos possibilidades criativas, positivando desta forma o que esteja clivado e pulverizado como carregando formas de existência. É o que apreendemos da psicanálise ferencziana.

Vemos que com sua matriz teórica dirigida predominantemente no auto-erotismo, Ferenczi propõe conceitos que vão ao encontro da abordagem clínica de pacientes cuja subjetividade se dá num registro que chamou ‘clivagem narcísica’. Brevemente falando, o que ele entende como clivagem narcísica seria uma modalidade de existir onde, não tendo havido a morte por um evento traumático, houve um esfacelamento, uma quebra em pequenos cacos, e com estes fragmentos se faz a sobrevivência. É como se nessa ‘quebra’, pequenas partes ainda intactas pudessem se recolher e preservar, se arranjando de modo que vemos uma possibilidade criativa com os fragmentos.

Ferenczi toma o trauma numa visada criativa – é nele, por causa dele, que se dão as possibilidades de criação.

Procurando não nos prender apenas às questões da clínica além de poder ampliar nossa visão acerca dela, tomamos Walter Benjamin, filósofo crítico da escola de Frankfurt, como nosso principal intercessor. Fizemos isso por termos encontrado nele inúmeros pontos concordantes com a psicanálise proposta por Ferenczi e também por apontar conceitos que podem levar a avanços na clínica desse autor.

Benjamin promoveu em sua obra uma aguda crítica à modernidade que pode ser tomada pelo viés da narrativa. Dois textos do autor podem nos aproximar dos conceitos que desejamos: *Experiência e pobreza* (1933) e *O narrador* (1928/1935).

Nesses textos Benjamin apresenta uma tipologia dos vários tipos de memória e narração partindo da constatação de que após a Primeira Grande Guerra (e a segunda só aprofundaria o processo!) os soldados que retornavam das trincheiras muitas vezes não conseguiam recordar ou contar suas experiências. Não por acaso, na mesma época Freud se depara com o fenômeno dos sonhos na neurose traumática, onde se reproduziam repetidamente o trauma pelo qual os portadores desta neurose haviam passado – o fenômeno inquietara Freud uma vez que essa repetição involuntária contrariava o princípio do prazer, até então soberano nos eventos psíquicos.

Benjamin observa o mesmo fato por outro viés – os soldados regressavam ‘pobres de experiências comunicáveis’. Pensando nas narrativas, podemos chegar a uma reflexão acerca de que tipos de narrativas pode haver com ‘restos e cacos’ (*fragmentos*) deixados pela destruição traumática trazida por determinado evento, tal como a guerra.

Benjamin coloca a figura do ‘novo bárbaro’, fruto do que pensa como produto do progresso técnico trazido pela guerra ‘moderna’. Este sujeito estaria incumbido da missão da ‘salvação’ do mundo, segundo ele.

O ‘novo bárbaro’ introduz um conceito novo e positivo de barbárie que carrega uma pobreza de experiências partilhadas; este bárbaro vem com algo que o impele a prosseguir ‘com pouco’, construir com pouco, sem olhar para os lados, ir em frente. Benjamin o compara a grandes personagens da história que partiram do quase nada para suas criações – Descartes sai de uma única certeza, o ‘penso, logo existo, Einstein perde o interesse pelo gigantesco universo da física para privilegiar uma pequenina discrepância que viu acontecer entre as equações de Newton e as observações astronômicas.

Benjamin cita outros personagens e cientistas que partiram do nada ou quase nada em suas criações, tal como Brecht e Klee por exemplo; são os ‘novos bárbaros’

que criam grandes obras com migalhas e fragmentos do que restou de catástrofes ou pela atenção que dão à pequenas coisas do mundo.

Para nós é importante pontuar que estas criações se dão pela apropriação feita dos fragmentos, tanto os que foram deixados por catástrofes quanto aqueles da observação de minúcias. A ideia é pensar que nestes fragmentos (que são pequenas memórias) existe um tipo de ‘trabalho’ que pode ser gerador do novo.

O ‘novo bárbaro’, que tem a ‘tarefa’ de poder criar narrativas com os fragmentos, parece fazer tal como um sucateiro, um catador de lixo que vai pegando e juntando fragmentos e restos que encontra e com os quais cria, avança no sentido de um tipo de resgate com o que foi quebrado. Faz com esses pedaços novas histórias e histórias ‘do que poderia ter sido’ daquilo que arrebentou. Este pensamento, que percebemos aparecer em Benjamin em diversos ensaios, faz parte de uma vertente da mística judaica vinda de Isaac Luria (1534-1572), um dos maiores cabalistas que já existiu, que elaborou um sistema místico partilhado por toda comunidade judaica.

Gershon Scholem (1897-1982), amigo particular de Benjamin, aborda este sistema com detalhes e o apresenta a Benjamin. Este estudo ajuda a compreender o modo como Benjamin toma o fragmentário resultante de uma catástrofe, o que para nós tem muita semelhança com a positivação dos eventos traumáticos elaborada na psicanálise ferencziana.

Sem nos estender com isso, vejamos o que traz a vertente mística cabalista de Luria. Fala-nos da teoria *Tzimtzum* a qual coloca a existência do universo por um processo de ‘contração’ em Deus; o primeiro ato de Deus seria um passo para dentro e o segundo seria a emissão de um raio de sua luz; cada novo ato de emanção é precedido de uma retração de modo que o processo cósmico seria duplo – a luz que refluí a Deus e a que flui dele.

Luria propõe paralelamente a esta cosmogonia a doutrina do *Schevirat*, ou ruptura dos vasos, e a do *Tikum*, que significa arranjo ou reparação de um defeito. Na ruptura, do homem primevo jorram as luzes das *Sefirot*, esferas de emanção da luz divina, que se dispõem num mundo confuso e desordenado de luzes puntiformes.

Pela determinação divina em gerar seres com formas finitas, se faz necessário a captura dessas luzes isoladas em ‘recipientes’ – vasos – para ordená-las; alguns desses vasos se quebram e centelhas da luz divina se espalham pelo cosmo. O propósito original da criação seria o recolhimento dessas centelhas, o *Tikum*, que é designada ao homem.



Resumindo, a ação do homem passa pelas possibilidades de restituição das centelhas de luz vinda da quebra dos vasos. Este seria o sentido da vida humana.

Sem tomarmos agora um maior desenvolvimento destes pontos, gostaríamos de marcar que a aproximação a mística de Luria auxilia no entendimento do posicionamento de Benjamin no que diz respeito a positivação dos eventos traumáticos; o que Luria traz acerca das possibilidades de criação também se parece com a proposta de Ferenczi quando fala do trauma. Estes autores se apropriam de fragmentos que podem ter surgido de eventos traumáticos e com eles abrem possibilidades criativas.

Procuraremos agora marcar uma maior aproximação do que trouxemos com a clínica psicanalítica; estamos pensando nas categorias do traumático e do fragmentário, que entendemos como pertencentes às pequenas memórias como possibilidades, como positivações. Esta articulação parece profícua ao pensarmos o trabalho clínico com o que trouxemos no início, ou seja, modos de subjetivação que não estão inseridos na neurose ou na psicose, onde podemos pensar a psicanálise clássica, que trabalha com a memória inconsciente composta de traços mnêmicos, que foi aquela que Freud privilegiou. Trata-se de elaborações que estão fora do universo representacional.

Encontramos no trabalho de Felícia Knoblock um importante estudo de toda temática trazida.

### **O trabalho do trauma**

Este é o título do trabalho de Felícia Knobloch, de 1998 para 'Les Lettres', o boletim da Société de Psychanalyse Freudienne. O que ela desenvolve neste ensaio, junto com o que traz em seu livro *O tempo do traumático* também de 1998, fazem parte do que pretendo abordar e futuramente desenvolver no doutorado.

Em *O trabalho do trauma* (1998), Felícia traz que Freud e Breuer encontraram o termo 'trabalho' para designar a elaboração psíquica situada entre o trauma e o surgimento do sintoma. Esse trabalho marca o estabelecimento de *laços associativos*, que é o que permite a liquidação progressiva do trauma garantindo a eficácia do tratamento.

Assim, as pulsões 'exigem' um trabalho que o aparelho psíquico vai realizar em sua união com o corpo. Por exemplo, encontramos no luto a designação de um trabalho no sentido de um mecanismo que realizaria ligações/desligamentos/religações na elaboração da perda de um objeto afetivo.

Felícia destaca que o funcionamento mental ‘habitual’ como um todo caracteriza-se pelo trio ligar-desligar-religar, que regularia esse funcionamento assegurando uma estruturação que se revela implícita. A autora aponta no entanto, que os últimos escritos freudianos fazem referência à necessidade de levar-se em conta o mecanismo de fragmentação que há nas experiências traumáticas.

Felícia considera então as relações entre trauma e fragmentação. Lembra-nos que sua experiência clínica a faz reconsiderar essas relações; toma então a fragmentação como uma maneira outra de um processo elaborativo ou de ligação onde não existem laços e sim rupturas, dissociações.

Deste modo, entendemos com a autora que este tipo de ‘trabalho’, o trabalho da fragmentação, seria o trabalho do trauma, próprio dele, que ela desenvolve tomando como base a sensibilidade clínica de Sandór Ferenczi. O que Felícia considera, que é parte do que gostaríamos de desenvolver no doutorado, seria a experiência de fragmentação como resultado de um trabalho, o trabalho do trauma.

O trauma teria como especificidade o trabalho de fragmentação; procuraremos mostrar que, apesar desse trabalho não organizar as coisas no sentido de uma unificação ou síntese (o que reforçaria a questão estrutural e a busca que muitos trabalhos clínicos focam), ele acontece além e aquém de qualquer organização possível – ele se dá *na ,pela e por causa* da fragmentação. Isto é positivar a fragmentação, desnaturalizar um posicionamento que a tomaria como ruim.

Ferenczi mostra que o processo do recalçamento é só um caso ‘particular’ dos possíveis deslocamentos energéticos do psiquismo – ele não descarta, e até afirma, existirem outros processos e mecanismos psíquicos que mesmo numa personalidade ‘partida’, revelam os fragmentos produzidos por essa ‘quebra’ assumindo o modo de funcionamento da pessoa inteira, mantendo-a viva.

Ferenczi propõe situar o trauma fora do material recalçado; já apontamos que este material, nossa memória inconsciente formada por traços inscritos, foi aquela privilegiada por Freud em detrimento dos signos de percepção. Parece que estes signos (nossas ‘pequenas memórias’), podem se equiparar ao trauma que Ferenczi propõe.

Ferenczi traz em 1930 a fragmentação psíquica não somente como consequência de um trauma; aponta que ela é uma forma de defesa, uma *adaptação* ele diz, tomada como a única forma possível encontrada por um sujeito quando suporta uma *dor* impossível de aguentar.

O trauma pode levar ao caos e à fragmentação e a partir desse estado se ‘cria’ uma nova ordem onde o trabalho dos fragmentos faz a ‘costura’ possível. Isto seria a adaptação, esta instabilidade como possibilidade.

Podemos retomar aqui o que trouxemos com a doutrina do Tzimtzum na mística de Luria que Walter Benjamin parece seguir. Lá há uma ‘ruptura’ dos vasos que espalha luzes em fragmentos, caoticamente; elas são recolhidas e retomadas, não na totalidade, mas na possibilidade que exista.

Felícia aponta também o fato de Ferenczi ter sido o pioneiro com relação às pesquisas contemporâneas na clínica, cujas dificuldades ele já via que não tinham respostas somente usando as noções de representação, recalçamento e psiconeurose; e coloca que o trabalho com os fragmentos pode ser visto como o único recurso que guardaria a vida de pessoas tidas como inadaptadas ou deficitárias.

Em *O tempo do traumático* (1998) Felícia lembra o fragmento ‘A propósito da afirmação do desprazer’ do Diário Clínico de Ferenczi. Lá ele fala da experiência da dor como estando fora do circuito prazer-desprazer – seria ‘uma grande dor’, que justo por isso não tem conteúdo de representação, sendo inatingível à consciência.

Ferenczi mostra que quando o sofrimento aumenta a ponto de ultrapassar a força de compreensão do ser, este fica ‘fora de si’; está introduzida a temporalidade do trauma.

Estas pessoas, segundo Ferenczi, partiram para outros universos, voam entre os astros, passam através de substâncias, formam sua própria cosmogonia. Neste ‘lugar’ coexistem passado, presente e futuro numa temporalidade ‘atual’, um eterno presente; pode-se pensar que haja aqui uma superação do espaço e do tempo. O autor diz que uma dor muito grande é uma dor sem representação, onde o sujeito está ‘fora do tempo’, externo ao tempo da história.

Essa dor ‘sempre presente’ seria uma dor maior do que qualquer dor chamada pela lembrança do passado – ela é agora, imediata. O sujeito faz qualquer coisa para impedir a morte fisiológica em consequência dessa dor; esta marcada a passagem da dor para a clivagem.

Nesta última, é como se em nome do si-mesmo se renunciasse a qualquer expectativa exterior; para Ferenczi trata-se de ‘adaptação’. Na clivagem estão envolvidos o irrepresentável, o insuportável e não está em questão as nuances entre prazer e desprazer – o que está em jogo é a manutenção da vida frente a experiência da morte, um desprazer puro que se afirma e para isso, como não se morre, se fragmenta.

O sujeito está impactado pela experiência ‘bruta’ da morte, que o retira da temporalidade histórica e o coloca no tempo do ‘agora’, um eterno presente; quando estamos frente ao trauma parecemos necessitar de um redimensionamento temporal.

Walter Benjamin também tem um olhar em relação ao tempo que privilegia o agora, além de romper com a linearidade temporal. Podemos nos aproximar dessa posição examinando a quinta tese das *Teses sobre o conceito de história* (1940).

Nesta tese, Benjamin se coloca contra a atitude contemplativa do historiador tradicional, que lida com o tempo de forma linear e homogênea, tomando-o como uma flecha que caminha do passado em direção ao futuro. Enfatiza o engajamento do materialista histórico em detrimento àquele historiador afirmando que este objetiva descobrir a constelação que um fragmento do passado forma com um momento do presente. Há aqui para Benjamin uma articulação das dimensões política e ativa nessa relação com o passado no sentido de que nesse encontro seria ‘despertada’ a rememoração e a redenção.

Vale marcar que a rememoração em Benjamin não se reduz apenas a lembranças; envolve toda uma presentificação de gestos, cores, sentidos, enfim, sensibilidades que fazem um tipo de dança no entre-tempos retirando qualquer pretensão de linearidade.

Essa articulação, que acontece no presente, se traduz em ‘imagens’ que representam uma intervenção salvadora da humanidade. Há um objetivar simultaneamente passado, presente e futuro, como se no presente se ‘salvasse’ o passado para o futuro.

Esta temporalidade, que não é linear ou homogênea, mostra uma apropriação no presente de um fragmento passado, ao mesmo tempo trazendo-o, modificando-o e lançando-o para o futuro. Em Benjamin a ideia de ‘revolução’ passa por um momento de quebra, de estancamento do tempo provocado por uma catástrofe, que deixaria fragmentos do que houve; desta ‘quebra’ é que brotam as sementes de vida que carregam no ‘agora’ as possibilidades de criação de um novo passado, aquele que não houve, que é lançado ao futuro. Isto, na teoria benjaminiana, tem a ver com a salvação, que é feita *com e pelos* fragmentos. Entendemos que esta forma de tomar o tempo e o fragmento parece ter a mesma conotação que Ferenczi dá em sua teoria do trauma, e que Knoblock retoma como apontamos.

Há ainda outro conceito em Benjamin que podemos citar brevemente que traz uma temática que nos interessa pensar e ‘transportar’ para a psicanálise. É o ‘perder-se’.

No primeiro fragmento de *Infância em Berlim*, intitulado Tiergarten, Benjamin se refere ao aprendizado da arte de ‘se perder’. Coloca que orientar-se numa cidade não significa muito e que perder-se nela *requer instrução*.

Para nós este ‘perder-se’ é equiparável ao movimento pulsional caótico e fragmentário do auto-erotismo, que é a matriz clínica ferencziana. Tem a ver com intensidades, fluxos, atmosferas, enfim movimentos que desenvolvemos com as pequenas memórias.

Pretendemos noutro momento um aprofundamento no conceito ferencziano do ‘sentir com’, fazendo ponte com o conceito de ‘limiar’ de Benjamin. Temos certeza que estamos num campo novo e desafiador, mas recuar nos é impossível.

### Referências

**BENJAMIN,W.** (1892-1940) Obras escolhidas v.I, II e III. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_ O Narrador, 1928-35, v.I, pg 197-221

\_\_\_\_\_ Experiência e Pobreza, 1933, v.I, pg 114-119

\_\_\_\_\_ Infância em Berlim por volta de 1900, v.II. pg 66-134

**FERENCZI,S.** (1873-1933) Obras Completas. v.I, II, III e IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_ Diário Clínico, 1932/1933

**FREUD,S.** (1856-1939) Obras Completas. ESB. 24 volumes, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_ Carta 52, 1896, v.I

\_\_\_\_\_ A interpretação dos sonhos, 1900, v.IV e V

**GIL,J.** (1939-) A Imagem-Nua e as pequenas percepções. Lisboa: Relógio D’Água, 1996.

**KNOBLOCH,F.** O tempo do traumático. São Paulo: EDUC, 1998.

\_\_\_\_\_ Le travail du trauma. In Les Lettres de la Société de Psychanalyse Freudienne

Nº4, 1998.

**LEIBNIZ, GW.** (1646-1716) *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

**SCHOLEM, G.** (1897-1982) *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

## **SMALL MEMORIES AND THE WORK OF TRAUMA**

### **ABSTRACT:**

This article, within psychoanalysis, seeks to articulate the term small memories with the category of trauma, the fragmentary and the memory outside the universe of representations.

**KEYWORDS:** Memory. Trauma. Fragment. Representation.

## **PETITS SOUVENIRS ET LE TRAVAIL DU TRAUMATISME**

### **RÉSUMÉ:**

L'article, dans la psychanalyse, cherche à articuler le terme petits souvenirs avec la catégorie de traumatisme, de fragmentaire et de la mémoire en dehors l'univers des représentations.

**MOTS-CLÉS:** Mémoire. Traumatisme. Fragment. Représentation.

Recebido em: 07-09-2015

Aprovado em: 25-10-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)